



ÊXTASE E AGONIA EM SERRA PELADA

José Francisco da Silva Concesso
Faculdade Católica Dom Orione

Muitas estórias e lendas sobre Serra Pelada sempre me provocaram muita curiosidade. Finalmente, por ocasião de um convite do Prof. Aires, do Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína, para acompanhar um grupo de lá que iria para uma pesquisa de campo, foi possível satisfazer esta curiosidade. Os 465 km foram percorridos por dois microônibus pilotados por dois amigos de longa data: o Dominginhos e o Flávio. O comandante da excursão foi o Prof. Eliseu, um extrajovem professor do Curso de Geografia recém chegado na região.

A própria viagem já foi uma aula de Geografia. De Araguaína até Xambioá, cidades do Estado do Tocantins, já era *caminho da roça* para mim. Logo depois de atravessar o Rio Araguaia, que separa os dois estados, entramos no *Parazão*, como é costume dizer na região. Entramos no Pará através da cidade de São Geraldo do Araguaia, localizada defronte a cidade de Xambioá, aquela da Guerrilha do Araguaia.

Na medida em que íamos deixando o Tocantins e penetrando no Estado do Pará, as plantas de Babaçu foram diminuindo, deixando o lugar para as plantas de Açaí, Embaúbas, alguns pés de Jacaré e algumas moitas de taboas. A taboa em Minas é muito usada para confecções de utensílios domésticos e artesanato. Ainda podiam ser vistas, de longe, algumas castanheiras que se salvaram da sanha dos promotores de desmatamento. Se no trajeto da viagem saindo de Araguaína, no Tocantins, apenas

pasto são visto das margens da estrada, no Pará revezavam-se trechos de mata espessa com áreas que já foram matas, que foram derrubadas, mas que não foram reflorestadas.

Tanto em São Geraldo como em Eldorado dos Carajás, pequenas cidades paraenses de comércio emergente e agressivo, víamos outdoors das maiores empresas da região: Leolar, Armazém Paraíba, Universal do Reino de Deus e Eletro Silva. Nestas cidades a metade da mercadoria permanece dentro das lojas, a outra metade é espalhada pelas calçadas. Por falta de criatividade, a identidade das lojas, na grande maioria, era denominada, apenas, de *Comercial*. Na falta de meios mais eficientes de propaganda, os carros de som não davam trégua aos nossos cansados ouvidos, apregoando seus produtos com excesso de decibéis.

Algumas placas agrediam nossa língua (a portuguesa), outras ofereciam produtos com neologismo, como *Peixe Almolho (ipsis litteris)*, ou exibindo criatividade, como na placa: Restaulanche e Fik Lev, no anúncio de uma academia em Eldorado dos Carajás. A saúde pública nestas cidades, com água servida a céu aberto, muita sujeira na frente das lojas e dos restaurantes, cachorros soltos pelas ruas, demonstrava que o desenvolvimento tem sido mais rápido que a ação do poder público ou é o próprio público que não tem demonstrado competência administrativa para resolver estes problemas ou ainda existem outros motivos.

Depois de passar por São Domingos do Araguaia, Marabá, Eldorado dos Carajás e algumas curruelas, todas no Estado do Pará, em estradas asfaltadas, desviamos nossa trajetória por uma estrada de terra de 38 km, isso numa sucessão de *sobe-e-desce* numa estrada estreita fazendo lembrar a estrada da minha terra natal no alto das montanhas de Minas Gerais, onde minha esposa diria que não se consegue andar por mais de 100 metros sem encontrar uma curva.

Finalmente chegamos à Serra Pelada. A primeira impressão era a de que se tratava de uma cidade arrasada pela guerra. Muitas casas fechadas e abandonadas, especialmente aquelas que eram sede da Caixa Econômica e outros órgãos públicos. Quase todas as casas são construídas de madeira. Não de madeira lavrada com as cascas pré-fabricadas, mas com pedaços de caixotes, cobertura com telhas de amianto e piso de chão batido.

Se houvesse um porto por perto, as casas seriam, certamente, coloridas como as paredes dos casebres de *EL Caminito*, em Buenos Aires. Na capital Portenha, durante a estadia dos navios, as tintas que sobravam da pintura dos cascos dos navios eram

doados aos moradores. Esta é a razão de lá encontrarmos casebres pintados com várias cores.

Daquela multidão de 80 mil garimpeiros comandada pelo famigerado Coronel Curió, com mão de ferro, no auge da exploração de ouro, como podemos ver num documentário vendido no local, hoje a população não supera sete mil pessoas teimosas, compostas, na sua maioria, de homens idosos perambulando pelas ruas de terra da localidade.

Segundo meu amigo Carlinhos, que já conhecia em Araguaína e que lá tem um pequeno restaurante denominado de Picanhas, naquela cidade só passa fome quem quiser. Além de um terreno muito fértil a respeito do qual se poderia repetir a famosa frase de Pedro Vaz de Caminha: *é um terreno em que se plantando, tudo dá*. Lá, dizia Carlinhos, basta batear um pouco para conseguir o suficiente para sobreviver. Sentado na frente do pequeno restaurante do Carlinhos ouvi algumas das muitas estórias interessantes que, por falta de tempo, não pude ouvir mais. Logicamente algumas verdadeiras, outras inventadas e aumentadas.

Uma delas é a de um garimpeiro conhecido como Catarinense que, tendo bamburrado, comprou sete carros novos, cada um de uma cor para ser usado um em cada dia da semana. Pouco depois de ouvir a estória, não é que lá vinha o Catarinense, em pessoa entrando na praça! Era um homem alto, barbudo, sujo e esquelético, calçando havaianas.

Um outro sortudo ganhou tanto dinheiro que andava puxando uma nota de alto valor amarrada numa cordinha como se fosse um cachorrinho, dizendo: *Durante muito tempo andei atrás do dinheiro; hoje é o dinheiro que anda atrás de mim*.

Minha familiaridade com drogas não vai além do conhecimento adquirido através da literatura nas revistas e livros e nas crônicas policiais. Não poderia nunca imaginar que um jovem chegasse a mim e pedisse dinheiro para comprar drogas como se fosse para pagar um Guaraná. Nem tampouco esperava ver uma menina de 12 anos, em pleno dia, na praça principal de Serra Pelada se oferecendo para um programa. Informaram-me que depois do pagamento mensal das aposentadorias, estas meninas vão de barracão em barracão para prestar serviços sexuais aos idosos e arrancar deles algum dinheiro.

O caso mais extravagante foi o do Queimadinha. A informação começou quando ela apareceu na praça, com vestido vermelho, amarrado na cinta e mal ajeitado, com o

rosto todo cheio de cicatrizes. Segundo as informações do meu amigo, ela já experimentou todo tipo de vício. Seu corpo é todo retalhado de faca. Dizem que quando se embebada chega ela mesma a cortar o próprio corpo. Certa vez colocou fogo no próprio barraco e saiu de lá em chamas. Não morreu ninguém sabe por quê. Daí para cá, recebeu o apelido de Queimadinha.

Eu estava subindo e descendo os montes de cascalhos, contemplando o enorme poço de 91 metros de profundidade donde os garimpeiros subiam por meio de rústicas e perigosas escadas carregando trinta quilos de cascalho. Durante a aula do Prof. Eliseu e as informações dele e do Guia do local, um garimpeiro conterrâneo do *Nerso da Capitinga*, homem bem falante e bem informado, eu tentava entender: diante daquele monte de 450 toneladas de ouro a se exploradas e lá embaixo sete mil pessoas se definhando e muitos morrendo à míngua.

Nesta reflexão me lembrei do filme clássico que me inspirou título desta crônica: *Agonia e Êxtase* de 1518. *Agonia* representa as relações tumultuadas entre Michelangelo Buonarotto (Charlton Heston) e o Papa Júlio II (Rex Harison). O papa. Júlio II, que ao mesmo tempo era chefe da igreja e comandante dos pontíficos, tinha contratado Michelangelo para pintar o teto da Capela Sistina. Neste período, que levou vários anos, houve de tudo: doença e brigas com o papa, ciúmes diante do rompimento com Michelangelo e contrato com outro artista por causa da demorada empreitada.

Neste caso, a demora e as brigas foram chamadas, no filme, de *Agonia*. O sucesso da grande obra do Vaticano, de *Êxtase*, antes com o sucesso do ouro fácil e *Agonia* depois com a miséria dos garimpeiros.